

## **Transformações do internacionalismo sindical na experiência da Contag**

As conexões da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag)<sup>1</sup> com o sindicalismo internacional são visíveis desde os primeiros anos após sua fundação e reconhecimento formal pelo Estado brasileiro, em 1964, como estrutura de representação de agricultores e agricultoras proprietários de pequenas porções de terras e de trabalhadores e trabalhadoras rurais assalariados. Entre as controvérsias transnacionais relevantes em que a Contag se engajou nos mais de 50 anos passados desde então, encontram-se (1) aquelas relativas ao universo mais estritamente sindical – tais como disputas relativas aos modelos de sociedade defendidos, aos modelos de ação sindical e as contendas sobre a afiliação a uma ou outra organização sindical internacional, e os debates sobre liberdade sindical –, além de outras (2) relativas a condições de trabalho, enfocando especialmente o combate ao trabalho infantil e escravo, mas também (3) disputas sobre a liberalização do comércio internacional, (4) o debate sobre modelos de agricultura a partir da perspectiva da agricultura familiar e, por fim, (5) as controvérsias relativas à presença das mulheres nos debates transnacionais.

A rigor, todas as articulações da Contag poderiam ser consideradas sindicais (posto que se trata de uma confederação sindical), mas a Contag não estabeleceu relações apenas com sindicatos ou baseada somente no fato de ser uma confederação sindical, daí a minha opção por caracterizar como “controvérsias sindicais” aquelas que se referem especificamente à relação com organizações sindicais internacionais e normas internacionais relativas ao sindicalismo. Será delas, especificamente, que tratarei aqui.

Em termos metodológicos, o que faço no presente trabalho é observar as articulações que a Contag foi estabelecendo ao longo do tempo, seguindo a orientação metodológica da teoria do ator-rede de “seguir as associações” (LATOUR, 2005, 2008; VENTURINI, 2010). Em seguida, organizo tais associações em controvérsias e, no interior dessas, identifico “modos de compilar”, isto é, maneiras de estabelecer relações e reunir elementos por meio das quais a Contag articula os elementos que passam a fazer parte de seus arranjos políticos (LAW, 2004; ROSA, 2015). Aproximo, nessa

---

<sup>1 1</sup> Em 2015, a Contag passou por um processo de “dissociação sindical”, separando a representação de trabalhadores rurais e de agricultores familiares. A representação do primeiro grupo passa a ser feita pela recém-criada Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (Contar) e a Contag manteve a sigla, que passa a responder por Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (PICOLOTTO; MEDEIROS, 2016). Emprego, nesse trabalho, a denominação anterior porque era esta a utilizada no período a que se refere esse texto.

empreitada, elementos da teoria do ator-rede, dos estudos rurais brasileiros, de estudos sobre movimentos sociais rurais e movimentos sociais em geral e sobre o sindicalismo.

Trabalhadores rurais do mundo, uni-vos: solidariedade internacional e disputas sindicais

A construção dos sindicatos rurais no Brasil fez parte das estratégias de transformação da sociedade de partidos e organizações que compuseram o sindicalismo rural brasileiro desde suas origens: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), a Ação Popular (AP) e os setores da igreja católica (GUIMARÃES, 2006; MEDEIROS, 1989; PAULA; SOARES, 2006; RICCI, 1999). Cada um desses setores mantinha articulações internacionais, seja por meio das ideias que defendiam, seja por meio de articulações com aliados estrangeiros.

Os laços internacionais mais visíveis no momento imediatamente posterior à criação da Contag, e que pudemos identificar por meio de entrevistas, anais de congressos e materiais de arquivo, são aqueles que já vinham sendo construídos pelo PCB e pela União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), em especial por Lyndolpho Silva (“Maior Unidade Mundial dos Trabalhadores Agrícolas - Entrevista de Lindolfo Silva secretário da Ultab”, 1958). . A Contag “herdou” os laços que a ULTAB estabeleceu com a União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas, Florestais (UISTAF - o P, de Plantações, foi incluído posteriormente), um departamento da Federação Sindical Mundial, a vertente do internacionalismo sindical ligada à União Soviética (WELCH, 2010, p. 226).

Correspondências mantidas no arquivo de Lyndolpho Silva, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, indicam a prática de troca de convites para participação de sindicalistas em congressos nacionais e, mesmo quando a presença não era possível, a prática de troca mensagens entre as organizações sindicais, nas quais, inclusive, discutiam oportunidades e dificuldades para a implementação de ações planejadas – evidenciando que, além de projetos políticos, ideias, conceitos e, por vezes, recursos, já havia nesses intercâmbios algum nível de influências sobre as ações locais (DUARTE, 1959).

Destaco essas conexões porque elas foram carregadas pelos militantes do PCB quando se tornaram dirigentes da Contag. A troca de cartas e as visitas mantiveram-se durante as décadas seguintes, sendo registradas nos anais dos CNTTRs. A título de exemplo, em seu 2º Congresso, a Contag recebeu uma mensagem da Central Sindical de Israel, Histadut (CONTAG, 1973). No 4º Congresso, em 1985, a direção do Comitê

Central dos Sindicatos Soviéticos enviou sentimentos de solidariedade fraterna e afirmou que as decisões do CNTR contribuiriam “para a unidade dos trabalhadores e o desenvolvimento do processo de democratização da sociedade” (CONTAG, 1985, p. 276). Além das mensagens recebidas, sindicalistas internacionais presentes discursaram no encerramento.

Os registros de correspondências permitem identificar relações com as três vertentes do sindicalismo internacional organizadas na segunda metade do século 20: socialistas da Federação Sindical Mundial (FSM), próximos ao bloco soviético, social-democratas da Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CIOSL), próximos ao bloco capitalista predominante nos EUA e na Europa Ocidental e dos democrata-cristãos da Confederação Mundial do Trabalho (CMT) (RICARD, 2010).

Essa ampla gama de articulações só pode ser entendida se tivermos em conta as diferentes forças que compunham o sindicalismo rural brasileiro e suas conexões tanto com a geopolítica global como com a situação política brasileira do período autoritário (1964-85). A Contag precisou, literalmente, equilibrar-se entre todas essas fontes de disputas. Daí a minha leitura de que essas controvérsias no interior do sindicalismo eram, ao cabo, disputas sobre o modelo de sociedade a ser defendido, e que isso acabou se desdobrando em disputas sobre com quem se vincular internacionalmente. Em meio a essas disputas, a Contag foi construindo suas articulações transnacionais.

A elas, é necessário adicionar o fato de que os vínculos internacionais eram observados de perto pelo governo autoritário. No período em que esteve sob intervenção (1964-1968) e, depois, até meados da década de 1980, quando permaneceu sob olhar atento do Ministério do Trabalho, os diversos segmentos políticos no interior da Confederação mantiveram conexões com atores internacionais e, por vezes, valeram-se dessas conexões para equilibrar-se no delicado jogo político do período, no qual articulações políticas eram altamente vigiadas e as suspeitas da presença de ideias comunistas ou socialistas podiam gerar repressão violenta.<sup>2</sup>

A principal tensão se dava entre o sindicalismo soviético, ao qual o PCB era próximo, e o sindicalismo do bloco capitalista, que pressionava por mais espaço entre os sindicatos brasileiros valendo-se de suas conexões com o governo brasileiro – a

---

<sup>2</sup> Entrevista com ex-dirigente da Contag (01/12/2016). O entrevistado foi presidente da federação da Paraíba e acompanhou o MSTTR desde os anos 1960 sendo politicamente próximo ao PCB e, mais tarde, filiado ao PSDB. Trabalhou no governo Federal e, desde 2016, atua na ENFOC/Contag.

estratégia imperialista da central norte-americana, AFL-CIO é bem conhecida (SCIPES, 2011; STEPAN-NORRIS; ZEITLIN, 2003).

Desde 1945, o bloco capitalista, encabeçado pelos Estados Unidos, buscava fomentar mudanças institucionais no Brasil. Na década de 1950, promoveram programas de intercâmbio e treinamento, de forma a aproximar sindicatos de suas visões e interesses. Após 1962, “os agentes norte-americanos aparentemente perderam a paciência e começaram os trabalhos de colaboração com os militares que derrubaram [João] Goulart em 1964” (WELCH, 2009, p.186). Apesar do bem-sucedido apoio ao golpe militar de 1964, os planos de fomentar o “sindicalismo autônomo” e combater o comunismo jamais surtiram o efeito planejado. Porém, no período da ditadura civil-militar no Brasil, a oferta de recursos e de formação aos sindicalismos manteve-se, como se depreende de entrevista de ex-presidente da Contag, Francisco Urbano

Urbano: Quando chega período do golpe houve pressão muito grande e uma verdadeira perseguição do entendimento com organizações internacionais. Veio a pressão americana pelo IADESIL [Instituto Americano de Desenvolvimento e Sindicalismo Livre].(...) A nossa confederação teve que fazer um acordo interno pra evitar nova intervenção. Mandou gente fazer os cursos que eles ofereciam no Instituto Cultural do Trabalho.

P: Como pressionavam?

Urbano: Pressionavam toda hora chamando, falando “Ah, vamos fazer isso”. Se você não vai, começa a mostrar resistência. E o Ministério do Trabalho tinha muito controle. Tinham informação de toda vida sindical. O presidente da Contag na época, Zé Francisco, foi muito habilidoso. Chamou todas as federações e disse: “não vamos poder recusar.” Se a gente não fizesse, tinha federações que elas mesmo denunciavam, diziam que a Contag estava procurando a esquerda. Mas o pessoal ligado ao Partido Comunista também procurava, a outra, ligada à Igreja, também procurava. Tinha que fazer, conversa aqui, receber todo mundo, e ir jogando a bola pra frente, nada de filiação formal a ninguém.

A referência de Urbano à “nova intervenção” refere-se ao período, entre 1964 e 1968, quando, após o afastamento do então presidente Lyndolpho Silva, a coordenação da Contag foi colocada a cargo de um interventor nomeado pelo governo **federal**. **Em 1966 elege-se uma liderança rural ligada aos círculos operários, conservadores**, e em 1968 um candidato independente retorna à presidência da Contag (CONTAG, 2003).

A estratégia da Contag, para evitar que as articulações internacionais contribuíssem para nova intervenção, no relato do sindicalista, foi a de manter relações

com as três vertentes do sindicalismo internacional. Porém, se essa estratégia contribuiu para a tranquilidade doméstica, ela teve consequências inesperadas externamente, pois a Contag acabou sendo vista, por muitas organizações do campo da esquerda no exterior, como um grupo demasiadamente próximo ao sindicalismo norte-americano e ao regime militar.<sup>3</sup>

Ainda de acordo com Urbano, contribuíram para tal situação disputas que aconteciam no Brasil sobre a orientação política e sobre as práticas do sindicalismo e que ressoavam nas conexões internacionais. Essas disputas estavam colocadas, desde a década de 1970, com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) – órgão católico que mantinha conexões internacionais por meio dos bispos estrangeiros que a compunham e que se engajaram em disputas por direitos de trabalhadores rurais e pequenos proprietários, por vezes, questionando práticas sindicais. Na década seguinte, houve disputas também com o bloco que se constituiu em torno da CUT, central sindical que rapidamente estabeleceu conexões internacionais e no interior da qual a oposição sindical rural se organizou (FAVARETO, 2006; PICOLOTTO, 2007a).

Já no período de redemocratização, a Contag esforçou-se para recompor laços internacionais – e, sobretudo, relações de confiança – que haviam estremecido durante a Ditadura. Ainda segundo Urbano: “Fizemos todo um trabalho pra ir reconstruindo aos poucos, dar maior atenção com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), porque lá encontrávamos com esse pessoal, entregávamos denúncias contra o governo, para entenderem que não era bem assim como estavam dizendo”.<sup>4</sup> A filiação à CUT, anos depois, contribuiu para reforçar a orientação política de esquerda da Contag. Aqui, nota-se um processo interessante no qual a participação em atividades de uma agência internacional do sistema ONU ganha, entre outros sentidos, o de dar visibilidade às posições políticas da Contag, em meio a disputas sobre o sentido de sua ação com impactos domésticos e internacionais.

---

<sup>3</sup>É interessante notar que essa estratégia é análoga à adotada em âmbito nacional e que buscava meios de, sob a ditadura, equilibrar o enfrentamento dos problemas e a manutenção da confederação. Para tanto, foi adotada uma estratégia de ação que não rompia com os limites legais e, dentro dele, buscava fazer denúncias, cobrar providências e, sempre nos limites estabelecidos pelo Estatuto da Terra, organizou algumas greves (FAVARETO, 2006, p. 31; MEDEIROS, 1989).

<sup>4</sup> Entrevista ex-dirigente da Contag (01/12/2016).

Negociações salariais e campanhas: reconfigurando as relações com organizações sindicais

A década de 1990 foi um período de intensas disputas no interior da Contag, que levaram à reformulação de sua plataforma política. Essas disputas sobre os rumos do sindicalismo estiveram relacionadas à emergência de novos atores na sociedade brasileira, em processos conectados às transformações no cenário político nacional com a redemocratização, à emergência de novos atores rurais, em especial as organizações de movimentos sociais, ao fortalecimento das oposições sindicais e à criação de centrais sindicais. Além disso, o colapso das experiências de socialismo no leste europeu também alterou o panorama de transformações e lutas sociais (FAVARETO, 2006; MEDEIROS, 1989; NEVES, 2007; PICOLOTTO, 2007b)

Em síntese, a partir da entrada das oposições sindicais nas gestões contaguianas e da afiliação à Central Única dos Trabalhadores, a Contag formulou seu Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (PADRS, ao qual posteriormente se adicionou mais um S, de Solidário) e, por meio dele, começou a delinear projeto próprio para sua interação com temas e atores de outros países e do sistema internacional: a partir dele, as conexões transnacionais passaram a ser lidas justificadas não apenas em função da solidariedade internacional entre trabalhadores, mas como atividades de construção e fortalecimento de seu projeto político.

No final da década de 1990, uma nova associação foi incorporada às conexões transnacionais da Contag quando, em 1998, ela se filiou a uma organização sindical internacional, a União Internacional de Trabalhadores da Alimentação, Agrícolas, de Hotéis, Restaurantes, Tabaco e Afins (UITA, ou UIT, na sigla em inglês).<sup>5</sup> Alguns relatos dão conta que, após a participação na ECO'92, a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável realizada no Rio de Janeiro, a Contag havia percebido a necessidade de continuar em contato com outras organizações da América Latina e Europa. A confederação vinha também estreitando laços internacionais em debates sobre os trabalhadores empregados na cadeia da cana-de-açúcar e a matriz energética brasileira, vinculados a debates sobre o programa Pró-Álcool.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> A UITA havia sido fundada em 1994, da junção da International Federation of Plantation, Agricultural and Allied Workers e da International Union of Food and Allied Workers' Association. Federação Internacional de Trabalhadores Agrícolas e Similares (FITPAS), com sede em Genebra, – esta última mais antiga, criada em 1920 e atuante na América Latina desde 1953. Com essa reunião, a União Internacional incorporou o trabalho com sindicatos rurais (RÜTTERS; ZIMMERMANN, 2003). A FITPAS esteve presente no 5º e no 6º CNTRs.

<sup>6</sup> A Contag foi membro da Comissão de Coordenação para a Solidariedade entre os Trabalhadores

A Contag buscava aproximar-se de um sindicato de abrangência internacional para “melhorar o nível de informação e estabelecer relações orgânicas” (CONTAG, 1995, p. 104). Tratava-se de buscar aliados para fazer frente aos novos desafios que estavam colocados com a liberalização da economia e o aprofundamento da globalização. Pouco depois da queda do muro de Berlim e do fim da Guerra Fria, este era um período de reorganização das forças sindicais em todo o mundo e, também, no Brasil.

Nesses processos, articulações e conexões estavam sendo feitas e desfeitas. No âmbito internacional, o cenário anterior, de três grandes organizações sindicais disputando aliados estava mudando e a Confederação Internacional das Organizações Sindicatos Livres (CIOSL), ligada ao bloco capitalista, ganhou força com a aproximação de membros não alinhados e do antigo bloco soviético (RICARD, 2010). A UITA, à qual a Contag filiou-se, é um dos braços setoriais da CIOSL.<sup>7</sup>

Dada a relevância dos laços com organizações sindicais internacionais desde a fundação da Contag, não é de se estranhar que, quando procurou reorganizar suas relações, já no período democrático recente, a Confederação brasileira tenha recorrido a suas articulações sindicais.

Após a filiação, o objetivo com a UITA era formulado nos termos de tornar-se a “principal referência regional” para organização sindical internacional – de fato, a Contag é a principal afiliada rural da UITA e considera-se a segunda força regional, após o setor de comércio e hotelaria. A UITA também foi capaz de facilitar o contato da Contag com organizações similares de outros países e de levá-la para espaços onde a Confederação brasileira pode apresentar suas experiências na construção de políticas públicas para agricultores e suas maneiras de se relacionar com o governo nacional.<sup>8</sup>

Para estabelecer-se como referência, avaliava a Contag, seria necessário afirmar seu Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (PADRS) no interior da organização internacional. Estava, portanto, colocando seu projeto político nacional, recém-formulado, como norte para sua articulação internacional, em um movimento que apontava para a transformação da maneira como a confederação brasileira se colocava

---

Açucareiros no Mundo, CCSTAM (CONTAG, 1995).

<sup>7</sup> Em 2006, a CIOSL e Confederação Mundial do Trabalho (CMT) fundiram-se na Confederação Sindical Internacional (CSI), à qual a CUT é filiada. A CTB é filiada à Federação Sindical Mundial (FSM).

<sup>8</sup> Entrevistas de vice-presidente da Contag (23/09/2016) e assessor da Contag (23/09/2016).

nos debates internacionais. A linguagem da solidariedade, no entanto, continuou presente, agora associada a novos objetivos de visibilidade e difusão de ideias próprias.

Posteriormente, com o aumento da importância da agricultura familiar como referente de organização no interior da Contag, ganhou força o objetivo de levar a outras organizações sindicais a “necessidade de fortalecerem ações em defesa da agricultura familiar e da melhoria das condições de vida e trabalho dos assalariados e assalariadas rurais” (CONTAG, 2005, p. 45) – indicando, aqui, o impacto das formulações nacionais da Contag no sentido de renovar as práticas sindicais sobre suas relações com outras organizações sindicais.

Por meio de todas essas associações, a articulação entre Contag e UITA passa, atualmente, por ações relativas à agricultura familiar e também pela presença da organização internacional em algumas negociações trabalhistas que envolvem empresas multinacionais. Trato dos temas a seguir, apontando, novamente, as controvérsias por meio das quais é possível ver o estabelecimento de laços internacionais.

No caso do apoio às negociações trabalhistas, a UITA é procurada pela Secretaria de Trabalhadores Assalariados da Contag para encaminhar denúncias, realizar campanhas e construir estratégias transnacionais entre os trabalhadores para negociações com empresas multinacionais. Exemplos recentes foram de negociações com companhias na área de carne e celulose.<sup>9</sup>

Houve uma campanha de denúncia das condições de trabalho em empresa produtora de carne na época da Copa do Mundo realizada no Brasil. Em 2016, as negociações com trabalhadores empregados pela *holding* JBS contaram com apoio da UITA que, procurada pela Secretaria de Assalariados da Contag, articulou a demanda local com questões comuns a outros países e conseguiu contribuir para a celebração de um acordo relativo a condições de trabalho, questões de saúde e segurança. No caso da celulose, em 2013, houve uma greve de 40 dias de trabalhadores da empresa Veracel Celulose, localizada na Bahia, de propriedade da transnacional finlandesa Stora Enso. Articulações para pressionar a empresa, que não vinha respondendo às demandas apresentadas pelos trabalhadores em negociação coletiva, envolveram o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Eunápolis, a Contag e a UITA. Esta última escreveu ao presidente da Veracel, pressionando a matriz europeia da empresa, preparou relatório (“Entrevista Gerardo Iglesias”, 2013) e divulgou denúncia internacional,

---

<sup>9</sup> Entrevista de dirigente da Contag (02/12/2016)



buscando contribuir para o desenvolvimento das negociações locais (“Greve por tempo indeterminado na Veracel”, 2013; QUINTO, 2013; UITA, 2013).<sup>10</sup>

Quando a Contag se afiliou à UITA, essa última literalmente precisou aprender a trabalhar com uma organização sindical rural que não representava apenas trabalhadores assalariados, mas também pequenos produtores.<sup>11</sup> Nos primeiros anos, as atividades conjuntas entre UITA e Contag, tais como debates e oficinas, trataram de temas como agricultura sustentável, a situação das mulheres produtoras e o tema dos organismos geneticamente modificados (CONTAG, 2001, p. 198). Porém, o que de fato consolidou o trabalho conjunto entre as organizações foi uma campanha que levou para o âmbito sindical internacional o debate sobre a violência no campo, no Brasil. Esse ponto é especialmente relevante porque reforça o argumento de que a inserção em disputas – ou, nesse caso, a transformação de um tema em uma questão, em uma controvérsia – é essencial para que as articulações internacionais efetivamente se estabeleçam e produzam efeitos.

A Campanha Internacional Contra a Violência no Campo carregou para os debates sindicais internacionais o tema que havia voltado à agenda política no Brasil da década de 1990 devido aos diversos massacres de trabalhadores rurais e assassinatos de lideranças do campo naquele período. O objetivo da campanha era, de acordo com o Secretário-Geral da UITA para a América Latina, Gerardo Iglesias, pressionar o governo brasileiro a efetivamente punir os responsáveis pelos crimes no campo. Sindicalistas estrangeiros e a população em geral eram convidados a enviar cartas ao governo brasileiro: “entendíamos que a impunidade era o combustível que alimentava a maquinária de terror no Brasil e que na medida que fizéssemos campanha internacional o governo deveria ter respostas – por consciência ou por vergonha. Milhares e milhares de cartas chegaram aos governos”.<sup>12</sup> Com o tempo, foram adicionados aos materiais de comunicação da campanha entrevistas e vídeos, uma exposição fotográfica itinerante que percorreu países da Europa e um *website*. Dirigentes e assessores da Contag estiveram em países como Suécia, Dinamarca e Noruega apresentando o problema. A campanha teve também lançamentos em diversos estados brasileiros. Alguns cartazes seguem expostos na sede da Contag.

---

<sup>10</sup> Entrevista de dirigente da Contag (02/12/2016).

<sup>11</sup> Entrevista de dirigente da UITA (04/10/2016)

<sup>12</sup> Entrevista de dirigente da UITA (04/10/2016)

A Campanha foi lançada em 2006 e, depois, retomada em 2013, quando ganhou caráter regional ao incorporar a Confederação de Produtores Familiares do Mercosul Ampliado (Coprofam), incluindo nos debates a situação de outros países da região (UITA; COPROFAM; CONTAG, 2013).

A UITA manteve a prática de denunciar casos de violência no campo e de procurar influenciar o governo brasileiro – diretamente, por meio de sindicatos filiados ou de governos de outros países. Simetricamente, a Contag posiciona-se quando seu apoio é solicitado para situações semelhantes em outros países, catalisando ações de solidariedade sindical para questões semelhantes em outros países do continente.<sup>13</sup>

Aqui, vê-se os sindicalistas lançando mão do clássico formato das campanhas transnacionais, recorrendo ao apoio de organizações (e indivíduos) de fora do país para pressionar governos nacionais, valendo-se do modelo bumerangue que caracterizou as campanhas transnacionais, uma das marcas do ativismo transnacional (KECK; SIKKINK, 1998). Porém, é interessante notar como o papel assumido pelas ONGs no fluxo de informações de capacidade de pressão sobre os Estados, no modelo original, é assumido pelas organizações sindicais. Não pretendo, com isso, questionar a relevância das ONGs, mas, ao contrário, tornar visível a atuação sindical nesse mesmo processo, contribuindo para uma leitura mais complexa sobre como esses atores vêm agindo além das fronteiras nacionais.

A experiência da construção da campanha contra a violência no campo diz também sobre como as relações provocam transformações nos atores que se associam: a UITA precisou aprender a lidar com sindicalistas cujo foco não era o de trabalhadores assalariados e suas práticas foram modificadas por essa associação. A campanha contribuiu para a projeção internacional da Contag que, apesar de ser uma das maiores Confederações de trabalhadores rurais do mundo, ainda era muito pouco conhecida internacionalmente.<sup>14</sup> A Contag também contribuiu para que a UITA se aproximasse de debates a respeito do tema da soberania alimentar e conquistasse assento no Mecanismo da Sociedade Civil do Conselho de Segurança Alimentar da FAO, um dos raros mecanismos de participação institucional do sistema ONU aberto às organizações de trabalhadores rurais.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Entrevista de assessor da Contag (23/09/2016)

<sup>14</sup> Entrevista de dirigente da UITA (04/10/2016)

<sup>15</sup> Entrevista de dirigente da Contag (02/12/2016)

A filiação à UITA também possibilitou à Contag assento no Comitê de Segurança Alimentar da FAO desde sua fundação, em 2010 – o contato Contag-FAO de fato passa por outros circuitos, mas na composição do CSA a entrada ocorreu via UITA.

Com a filiação à UITA, a Contag foi transformada na medida em que estabeleceu algumas novas relações fora do Brasil, ganhou aliados nas disputas de trabalhadores assalariados em negociações sobre salários e condições de segurança e saúde no trabalho, especialmente na relação com empresas transnacionais. Obteve visibilidade para suas atividades – seja pelos convites para participar de eventos internacionais que recebeu por meio da UITA, seja pelas visitas de delegações de outros países como Nicarágua, Cuba, Costa Rica, Guatemala, entre outros, interessadas nas experiências organizativas ou de mobilização para conquista de políticas públicas brasileiras<sup>16</sup>. A prática das visitas e comunicações, já presente no período anterior, manteve-se aqui. Porém, os laços estabelecidos com sindicatos de outros países continuam com um sentido de solidariedade imediata, identificação de problemas compartilhados e o fortalecimento de discursos comuns, circunscritos a ação pontuais. Laços permanentes com organizações de outros países, como veremos adiante, a Contag só conseguiu a partir de outro conjunto de articulações, em torno da agricultura familiar, e que levaram a outras reconfigurações nas práticas sindicais tanto nacional como internacionalmente, mas que não serão tratadas aqui.

#### Transformações nas articulações internacionais

Em síntese, as *controvérsias sindicais*, entre as décadas de 1960 e 1980, agregaram-se em torno das disputas sobre projetos de sociedade que permeavam o sindicalismo e das definições sobre o perfil da atuação sindical que delas decorrem. Sob a linguagem da solidariedade internacional, a Contag aliou-se a organizações sindicais internacionais e manteve contatos com sindicatos de outros países. Nesse “modo sindical” de construir laços transnacionais, as organizações cumpriam papel fundamental: em torno delas se sedimentava a vinculação com um ou outro projeto político. A filiação a uma ou outra tornou-se, nesse contexto, uma controvérsia em si. Nessas articulações circularam concepções políticas tanto quanto recursos financeiros,

---

<sup>16</sup> Entrevista de assessor da Contag (23/09/2016)

obtidos sob o signo da solidariedade internacionalista<sup>17</sup> e permeadas por disputas por influência e poder.

As ações que caracterizaram esse “modo de compilar” foram a presença em congressos, os intercâmbios por meio de visitas e correspondências, além da realização de atividades locais viabilizada pelos recursos de origem externa, obtidos via articulações com organizações sindicais de outros países. Além disso, já nesse primeiro momento, a Contag incluiu nas suas compilações o recurso a uma organização internacional, a OIT, quando buscava fortalecer sua demanda por liberdade sindical, na década de 1970.

Em um segundo momento, a partir dos anos 90, as relações sindicais foram renovadas sob a égide de mudanças políticas e econômicas internacionais, mas também das disputas internas à Contag, que levaram à formulação de um novo projeto político em meio à redemocratização no Brasil, à multiplicação dos atores sociais atuantes nos espaços rurais e, ao final da década, ao novo cenário geopolítico. A linguagem da solidariedade e do internacionalismo se manteve presente e continuou sendo expressa nas visitas, trocas de informações e participação em congressos e eventos, mas foi agora articulada, pela Contag, a novas ambições, como a busca por visibilidade internacional e da difusão do chamado *Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável* (PADRS, que mais tarde agregou outro S, de Solidário). Quando, no final dos anos 1990, a Contag finalmente definiu-se pela afiliação a uma organização sindical internacional, novas ações conjuntas emergiram: campanhas internacionais buscando visibilidade para o problema da violência no campo e o apoio a negociações sindicais foram as mais visíveis. Isso significou, respectivamente, a incorporação de novas dinâmicas de atuação: o emprego de campanhas para difundir denúncias e estabelecer pressão sobre o Estado nacional e a pressão a empresas transnacionais por melhores acordos. Aqui, a circulação de recursos parece ter dado lugar à circulação de influências e vê-se a inclusão de novas ações naquilo que se entende como o internacionalismo sindical, que foi, portanto, transformado nesse novo período.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Desde o século 19, o internacionalismo foi tema dos debates entre liberais e entre socialistas. Os primeiros o relacionam às ideias de progresso e inevitável evolução social de escalas menores para maiores, em meio ao processo de construção dos Estados nacionais e da defesa do livre comércio entre os países. Entre os socialistas, o internacionalismo da classe trabalhadora permeou análises e ações de sindicatos, partidos e intelectuais marxistas e esteve relacionado à reação, necessariamente internacional, ao sistema econômico global capitalista, identificado como fonte de opressão (HOBSBAWN, 1988).

<sup>18</sup> A Contag participou de outras campanhas no mesmo período que passaram pela articulação de outros conjuntos de atores, que incluíram os sindicais mas também grupos de outros perfis, a exemplo da

Argumento, com base nas controvérsias e conexões descritas acima, que as articulações sindicais da Contag vêm sendo transformadas e seguem relevantes para a transnacionalização da Confederação. Seria difícil compreender a construção dos laços internacionais da Contag desde a década de 1960 sem incorporar os efeitos dos discursos e práticas de solidariedade sindical, nem as formas de interação internacional que o sindicalismo engendra. Essa conclusão pode parecer óbvia, dado tratar-se de uma confederação sindical, mas ela ganha relevância analítica se tivermos em conta que organizações de trabalhadores não estão entre os atores mais estudados quando se trata da ação transnacional contemporânea (EVANS, 2015). Dada a multiplicação de ONGs, redes e outras formas de articulação mais fluidas, boa parte da literatura que analisa fenômenos transnacionais vem dedicando consideravelmente menos atenção aos laços sindicais.

Os movimentos de operários e suas organizações, os sindicatos, já foram sinônimos da capacidade de organização das classes trabalhadoras. Porém, a partir da década de 1970, os debates sobre novos movimentos sociais incluíram-nos entre os “velhos” movimentos, que pareciam estar sendo superados por grupos que se organizavam em torno de outras identidades coletivas.

Em décadas recentes, porém, essas duas categorias voltaram a se encontrar e a literatura sobre sindicalismo e movimentos sociais vêm aproximando-se por diversos caminhos. A teoria sobre o sindicalismo, mantendo a característica normativa (por meio da qual busca, com suas formulações, contribuir com o funcionamento sindical), bem como analítica, formulou o “sindicalismo de movimento social” simultaneamente como proposta de renovação das práticas sindicais e ferramenta analítica que incorpora categorias das teorias – sobretudo norte-americanas – em estudos sindicais (FANTASIA; STEPAN-NORRIS, 2004; GALVÃO, 2014; SCIPES, 2014; WATERMAN et al., 2012). Isso é facilitado pelo fato de as teorias contemporâneas sobre ação coletiva e sociedade civil não distinguirem, a priori, se os atores que agem coletivamente são sindicais ou movimentistas. Assim, sindicatos retornaram ao radar das teorias da política contenciosa, que amplia a categoria de movimentos sociais para a de ação coletiva (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001), e da política cultural, para a qual as

---

Campanha contra a Alca (BERRÓN, 2007; SILVA, 2008). Von Bülow (2009) estudou essa campanha sob uma perspectiva relacional destacando justamente os impactos dessas interações sobre o internacionalismo sindical, tendo como foco as ações coletivas além das fronteiras nacionais e levando em conta as complexas interações entre contextos domésticos dinâmicos e a inserção do sindicalismo em novas redes multi-escalares e setoriais – ali, porém, não menciona a Contag.

associações que compõem a sociedade civil podem ser igualmente sindicatos, redes, fóruns, organizações, entre outras, capazes de atuar em três níveis: questionam o poder do Estado, expressam interesses de camadas da população que não a elite e conformam espaços públicos alternativos, nos quais tais interesses são construídos e reconstruídos (ALVAREZ; ESCOBAR; DAGNINO, 2000, p. 40).

O problema, em minha opinião, é que com isso a presença sindical acabou sendo diluída em meio a coletivos que, por inovadores, receberam mais atenção de pesquisadores, de forma que as peculiaridades da ação sindical nesses processos vêm recebendo pouca atenção

Movimentação semelhante ocorre nos debates sobre transnacionalização. Tarrow (2005) tem como uma de suas categorias centrais para o novo ativismo transnacional os “cosmopolitas enraizados”, isto é, indivíduos que são capazes de “combinar recursos e oportunidades de suas próprias sociedades em redes transnacionais” – uma definição na qual dialoga com Keck e Sikkink (1998). Quando Tarrow (2005) exemplifica quem são esses ativistas, menciona trabalhadores e sindicalistas que, contrariando o pessimismo da literatura na área, engajam-se em ações transnacionais em pelo menos três maneiras importantes: demandas por direitos sociais, contratos e por governança democrática. Entre as ações mencionadas figuram campanhas da Federação Internacional de Trabalhadores em Transportes, a presença de sindicalistas e trabalhadores na “Batalha de Seattle” e o *background* de afiliação a sindicatos na pesquisa com participantes dos Fóruns Sociais e protestos europeus.

Keck e Sikkink (1998, p.15), defendem que há registro da formação de redes de *advocacy* em torno de temas trabalhistas, mas postulam que elas “foram transitórias, respondendo à repressão de movimentos trabalhistas domésticos (como nas redes de apoio formadas no Brasil, África do Sul e América Central no início dos anos 1980).

Porém, Armbruster-Sandoval (2003) argumenta que o papel dos sindicatos nas de suas campanhas e redes não pode ser considerado transitório e defende que o modelo bumerangue é útil também para analisar campanhas sindicais, descrevendo as que focaram a indústria de vestuário norte-americanas para questionar as condições de trabalho nas oficinas de costura da América Central, envolvendo sindicatos dali e dos Estados Unidos.

As experiências relatadas aqui ratificam esse entendimento e aportam informações sobre como organizações sindicais internacionais assumiram papéis na difusão de demandas nacionais, inclusive incorporando ferramentas novas e que se

difundiram (e renovaram) na década de 1990, como foram as campanhas de ativismo baseadas em ideias e princípios (KECK; SIKKINK, 1998). Mas, além disso, contribuíram para reformular algumas das mais evidentes atividades sindicais, a da intervenção em negociações sobre salários e condições de trabalho. Esse tipo de atuação permite questionar uma percepção, difundida inclusive entre estudiosos da transnacionalização de organizações rurais, de os sindicatos perderam relevância no mundo rural.

A pesquisa de campo indicou, com bastante ênfase, que o “modo sindical” de reunir coisas transnacionalmente foi e ainda é importante para a construção de articulações internacionais pela Contag, não podendo, portanto, ser deixado de lado na análise sobre a Confederação brasileira. As transformações nos modos de agir e de reunir elementos produzidas pela Contag indicam também interessante capacidade de reformular-se (reformulando as associações que a constituem) e de construir novas alianças políticas ao longo do tempo.

Além disso, sindicalismo rural, especialmente, jamais se tornou um dos objetos centrais da literatura sobre transnacionalismo. As análises sobre transnacionalização, em geral, seguem o padrão da área ao focar, sobretudo, experiências urbanas (BORRAS JR.; EDELMAN, 2016 que apontam como exceção o trabalho de von Bülow, 2014). O presente trabalho visa a contribuir, portanto, com elementos para o entendimento de processos de transnacionalização de organizações sindicais e rurais contemporâneas.

Borras Jr. e Edelman (2016) em que pese reconheçam o papel dos trabalhadores organizados em protestos como os de Seattle, avaliam que “sindicatos tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento foram incapazes de sustentar uma oposição robusta ao assalto neoliberal”, e que, nos ambientes rurais, onde a penetração incompleta do capital teria mantido uma capacidade considerável de organização e resistência, coube aos grupos de perfil movimentista “ocupar os espaços de protesto que os movimentos sindicais se mostraram incapazes de ocupar” (BORRAS JR.; EDELMAN, 2016, p. Locais do Kindle 437-442).

Espero, com a breve narrativa apresentada nesse *paper*, ter contribuído para tornar visível um conjunto de formulações e atividades que proporcionam uma narrativa diferente, que consegue perceber os esforços de atualização e impacto realizados por organizações sindicais, que lançaram mão das ferramentas sindicais clássicas, adaptando-as. Se as lentes teórico-metodológicas observam apenas protestos, acabam

perdendo de vista um conjunto de outras atividades que foram desenvolvidas pelos sindicalistas articulados transaccionalmente.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, S. E.; ESCOBAR, A.; DAGNINO, E. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – Novas leituras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- ARMBRUSTER-SANDOVAL, R. Globalization and Transnational Labor Organizing: The Honduran Maquiladora Industry and the Kimi Campaign. **Social Science History**, v. 27, n. 4, p. 551–576, 2003.
- BERRÓN, G. Identidades e estratégias sociais na arena transnacional. O caso do movimento social contra o livre comércio nas Américas. 2007.
- BORRAS JR., S. M.; EDELMAN, M. **Political Dynamics of Transnational Agrarian Movements**. Nova Scotia: Fernwood Publishing, 2016.
- CONTAG. **Anais do 2º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais** Brasília Contag, , 1973.
- CONTAG. **Anais do 4º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais**. Brasília: Contag, 1985.
- CONTAG. **Anais do 6º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais**. Brasília: Contag, 1995.
- CONTAG. **CONTAG 40 Anos de lutas ao lado do homem e da mulher do campo**. Brasília: Contag, 2003.
- CONTAG. **Anais do 9º Congresso Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais**. Brasília: Contag, 2005.
- DUARTE, P. R. **Correspondência de Pedro Renaux Duarte ao secretariado da UISTAF, Roma (Itália), 9/9/1959, 3fls.** Arquivo Lyndolpho Silva (UFRRJ), , 1959.
- Entrevista Gerardo Iglesias. **Jornal da Contag 100**, p. 12, jun. 2013.
- EVANS, P. Movimentos nacionais de trabalhadores e conexões transnacionais: a evolução da arquitetura das forças sociais do trabalho no neoliberalismo. **Caderno CRH**, v. 28, n. 75, p. 457–478, 2015.
- FANTASIA, R.; STEPAN-NORRIS, J. The labor movement in motion. In: SNOW, D. A.; SOULI, S. A.; KRIESI, H. (Eds.). . **The Blackwell Companion to Social Movements**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004. p. 555–574.
- FAVARETO, A. Agricultores, trabalhadores: os trinta anos do novo sindicalismo rural no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 62, p. 27–44, 2006.
- GALVÃO, A. **O sindicalismo enquanto movimento social: enfrentando rupturas e dicotomias**38o. Encontro Anual da Anpocs. Caxambu: [s.n.].
- Greve por tempo indeterminado na Veracel**. Disponível em: <<http://site.contag.org.br/indexdet.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=101&id=8613&mt=1&nw=1>>. Acesso em: 5 maio. 2018.
- GUIMARÃES, J. R. O cristianismo e a formação da moderna questão agrária brasileira. In: PAULA, D. G. DE; STARLING, H. M. M.; GUIMARÃES, J. R. (Eds.). . **Sentimento de reforma agrária, sentimento de república**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 198–234.



- KECK, M. E.; SIKKINK, K. **Activists beyond borders**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- LATOUR, B. From Realpolitik to Dingpolitik: or how to Make Things Public. In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (Eds.). **Making Things Public: Atmospheres of Democracy**. Cambridge, MA: MIT Press, 2005. p. 4–31.
- LATOUR, B. **Reensamblar lo social. Una introduccion a la teoría del actor-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- LAW, J. **After Method. Mess in social science research**. New York: Routledge, 2004.
- Maior Unidade Mundial dos Trabalhadores Agrícolas - Entrevista de Lindolfo Silva secretário da Ultab. **Terra Livre**, p. n. 83, 2, dez. 1958.
- MCADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **Dynamics of Contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MEDEIROS, L. S. DE. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.
- NEVES, D. P. Agricultura familiar: quantos ancoradouros! In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. (Eds.). **Geografia Agrária: teoria e poder**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 211–270.
- PAULA, D. G. DE; SOARES, P. E. Uma história recôndita. A orientação socialista nas lutas do campo brasileiro. In: PAULA, D. G. DE; STARLING, H. M. M.; GUIMARÃES, J. R. (Eds.). **Sentimento de reforma agrária, sentimento de república**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 161–197.
- PICOLOTTO, E. L. Movimentos sociais rurais no sul do Brasil : novas identidades e novas dinâmicas. **Revista Ideas - Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 60–77, 2007a.
- PICOLOTTO, E. L. Processos de diferenciação dos movimentos sociais do campo no Sul do Brasil: identidade, articulação política e projeto. **Raízes**, v. 26, n. 1 e 2, 2007b.
- QUINTO, B. **Campanha salarial de trabalhadores da Veracel segue com reforço de entidades**. Disponível em: <<http://www.nossacara.com/noticias/geral/10073/campanha-salarial-de-trabalhadores-da-veracel-segue-com-reforco-de-entidades-16-10-2013/#>>. Acesso em: 5 maio. 2017.
- RICARD, J. F. **Movimento sindical internacional** UFMG/Faculdade de Educação, , 2010. (Nota técnica).
- RICCI, R. **Terra de Ninguém. Representação sindical rural no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- ROSA, M. C. A journey with the Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) across Brazil and on to South Africa. **Études Rurales**, v. 196, p. 43–56, 2015.
- RÜTTERS, P.; ZIMMERMANN, R. **On the History and Policy of the IUF**. Bonn: FES, 2003.
- SCIPES, K. **AFL-CIO's Secret War Against Developing Country Workers: Solidarity Or Sabotage?** Lanham, MD: Lexington Books, 2011.
- SCIPES, K. Theoretical Reflections on the Emergence of Global Labor Solidarity. **The Journal of Labor & Society**, v. 17, n. June, p. 145–154, 2014.
- SILVA, S. DE A. M. E. **“Ganhamos a batalha, mas não a guerra”: A visão das Campanha Nacional contra a ALCA sobre a não-assinatura do acordo**. [s.l.] Universidade de Brasília,

2008.

STEPAN-NORRIS, J.; ZEITLIN, M. **Left Out: Reds and America's Industrial Unions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TARROW, S. **New Transnational Activism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

UITA. **Carta ao presidente da Veracel Celulose SA**. Disponível em: <<http://www.rel-uita.org/sindicatos/carta-ao-presidente-da-veracel-celulose-sa/>>. Acesso em: 5 maio. 2018.

UITA; COPROFAM; CONTAG. **Convite - Seminário Internacional sobre Violência no Campo. Cenários, Vítimas e Agressores**, 2013.

VENTURINI, T. Diving in Magm. How to Explore Controversies with Actor - Network Theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258–273, 2010.

VON BÜLOW, M. Networks of Trade Protest in the Americas: Toward a New Labor Internationalism? **Latin American Politics and Society**, v. 51, n. 2, p. 1–28, 2009.

WATERMAN, P. et al. For the global emancipation of labour : new movements and struggles around work , workers and precarity. **Interface**, v. 4, n. November, p. 1–14, 2012.

WELCH, C. A. **A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924 - 1964**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.